

## **ANÁLISE DE ERROS/DESVIOS ORTOGRÁFICOS EM TEXTOS PRODUZIDOS POR CRIANÇAS EM FASE DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA**

Aníbal de Souza Mascarenhas Filho– UERN

### **INTRODUÇÃO**

Neste trabalho, serão analisados erros/desvios ortográficos de crianças em fase de aquisição da escrita. O objetivo é mostrar o porquê dos desvios mais comuns na escrita de forma questionadora e também constatar a importância do professor como veículo do saber, através do contato vivenciado com os erros dos alunos.

Para a análise, reunimos textos produzidos em sala de aula por alunos da 2ª série do Ensino Fundamental da Escola Estadual Profª Maria Stella Pinheiro Costa, localizada na cidade de Mossoró-RN. A esses alunos, com idade entre 6 e 7 anos, apenas foi pedido que produzissem um texto, sem que lhes fossem dados temas, limite de linhas etc.

A análise mostra uma grande incidência de erros/desvios baseados em realidades fonéticas, como Transcrição Fonética e Juntura Intervocabular e Segmentação, o que nos faz concluir que a fala dos indivíduos teve grande contribuição para que houvesse desvios ortográficos.

### **JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS**

Analisar desvios na escrita de indivíduos em fase de aprendizagem ortográfica e procurar as razões para tais desvios pode nos fazer refletir, enquanto educadores, e considerar, diante das situações práticas em sala de aula, fatores que possam contribuir para que eles ocorram.

As constatações que se possam fazer diante dessa análise contribuirão para que possamos lidar com fatores que influenciem na ocorrência de problemas ortográficos.

Objetivamos adquirir conhecimento que nos torne mais conscientes das causas de falhas na grafia de aprendizes, para que possamos agir adequadamente em relação a elas.

### **METODOLOGIA**

Duas visitas à Escola Estadual Profª Maria Stella Pinheiro Costa foram suficientes para a coleta de material.

Aos alunos, entre 6 e 7 anos de idade, foi pedido que produzissem textos espontâneos para efeito de exercício da escrita, apenas. Entretanto, se por um lado o pedido de um visitante foi um incentivo para alguns, para outros significou uma oportunidade de não fazer a atividade. Por causa disso, foram coletados 8 textos no total.

Depois de selecionar os textos que nos dariam subsídios para analisar desvios ortográficos, destacamos e selecionamos os erros encontrados.

Para a análise, adotamos a classificação utilizada por Cagliari (1988) para analisar os desvios ortográficos e convencionamos siglas para essas categorias. São elas:

MESP: Modificação da Estrutura Segmental das Palavras

JIS: Juntura Intervocabular e Segmentação

UILM: Uso Indevido de Letras Maiúsculas e Minúsculas

AG: Acentos Gráficos

FETL: Forma Estranha de Traças as Letras

UIL: Uso Indevido de Letras

TF: Transcrição Fonética

HC: Hipercorreção

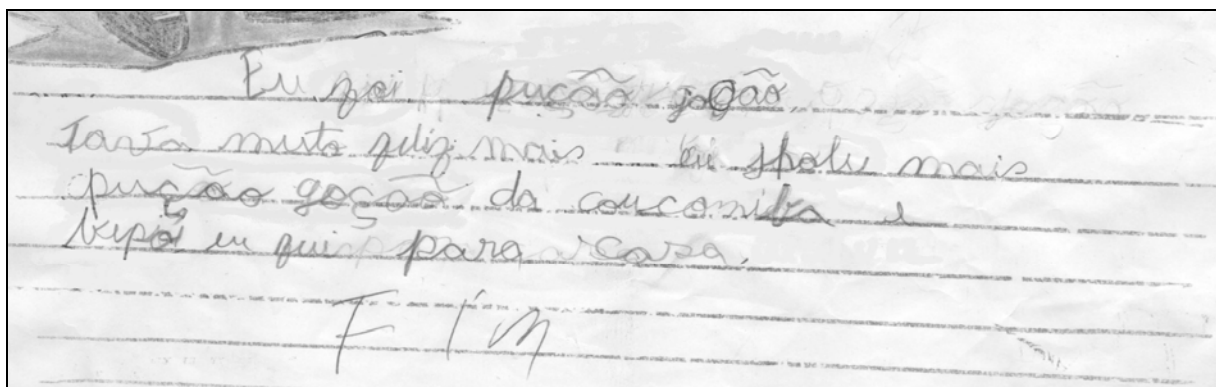
FMD: Forma Morfológica Diferente

PS: Problemas Sintáticos

## ANÁLISE DOS TEXTOS

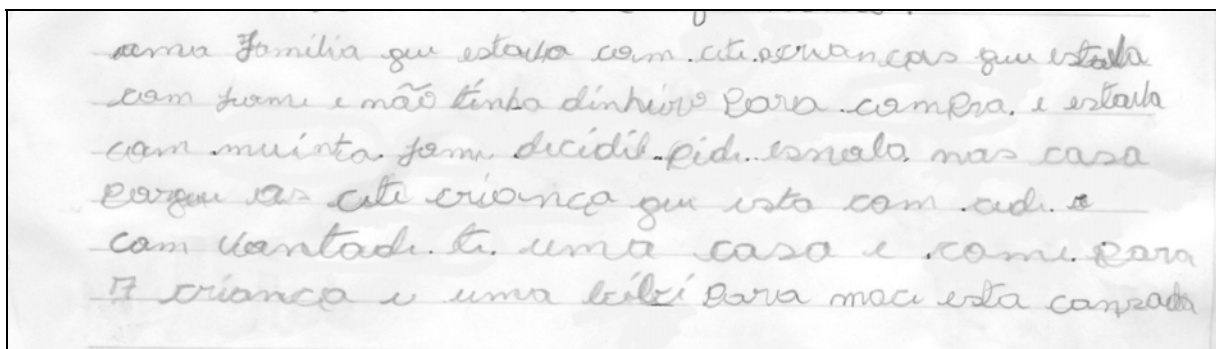
Os textos coletados apresentam quase todas as categorias de erros/desvios de ordem ortográfica, de acordo com a divisão utilizada por Cagliari (1988). Os diferentes tipos de desvios são notados em diferentes proporções, de acordo com o nível de aprendizagem ortográfica da turma na qual colhemos o material, como pudemos constatar.

Desvios do tipo PS e HC têm baixa incidência nos textos analisados. O primeiro, que ocorre, comumente, influenciado pela oralidade equivocada (de acordo com a norma culta do português) de alguns dialetos, também decorre de uma análise errônea de regras sintáticas, como ocorre nos textos 1 e 2.



Texto 1

No Texto 2, por exemplo, o indivíduo escreve “vontade ‘te’” em vez de “vontade de ter”. Dessa forma, ele omite a sílaba átona repetida (vontade **de** ter), bem como o “r” final do verbo “ter”, o que deixa bem claro que esse indivíduo enganou-se com a escrita influenciado pela oralidade de seu dialeto. Porém, também podemos interpretar o desvio citado como resultado da negligência a regras de transitividade, não se tratando, nesse caso, apenas de uma grafia da fala.

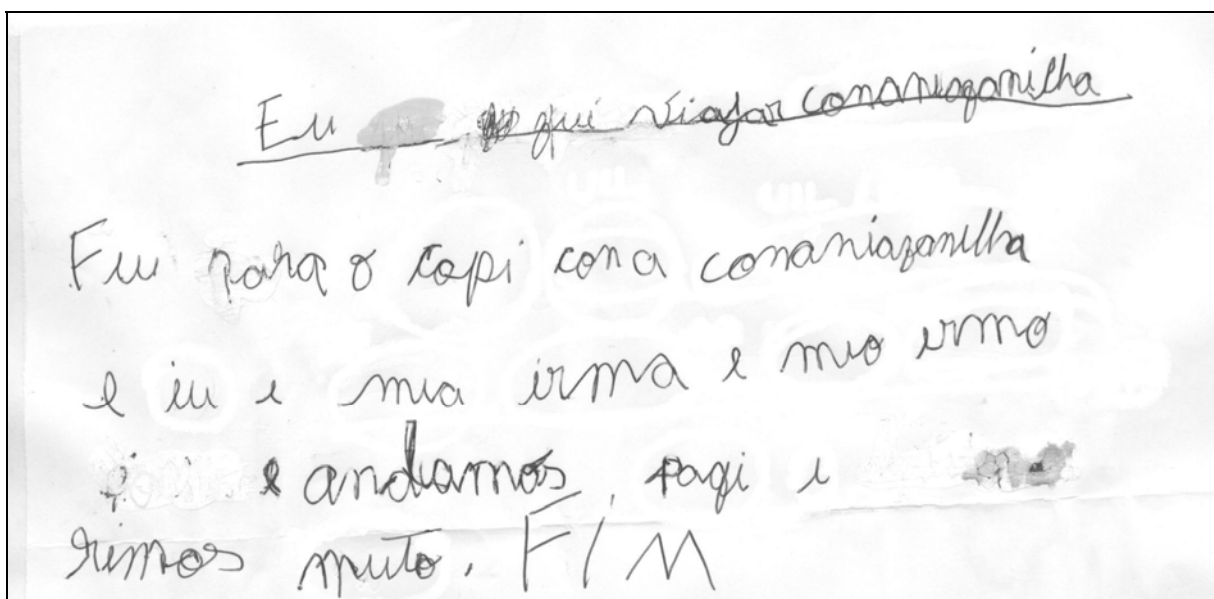


Texto 2

Nesse último caso, no entanto, podemos considerar compreensível um desvio quanto à transitividade verbal, uma vez que PS são freqüentemente encontrados em textos escritos por indivíduos de diferentes graus de escolaridade, conseqüentemente de diferentes níveis de aprendizagem ortográfica.

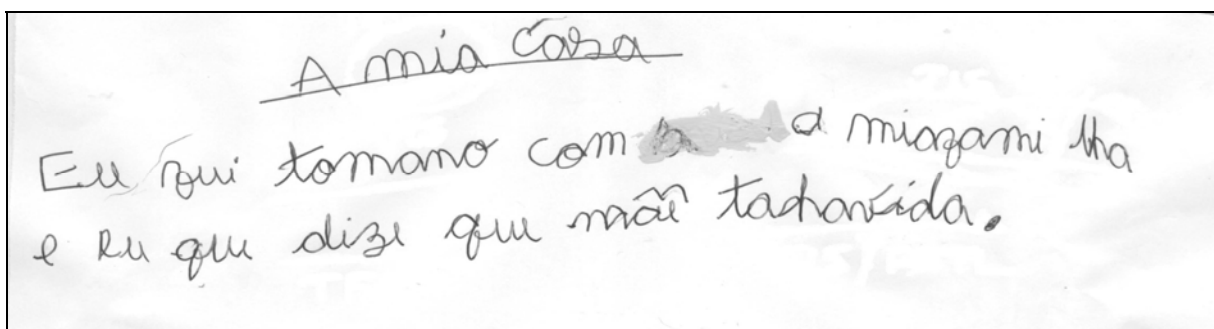
A HC foi notada apenas no Texto 3 e trata-se de uma generalização bastante comum no processo de aquisição da linguagem oral. Em certa idade, depois de notar o uso dos indicadores “o” para o gênero masculino e “a” para o gênero feminino, o indivíduo comete muitos enganos influenciado por tais indicadores, e isso, durante o processo de aquisição da escrita, poderá ser notado em suas composições.

No Texto 3, o indivíduo escreve “mia irma” (minha irmã) e, em seguida, “mio irmo” (meu irmão), construindo o substantivo masculino a partir do feminino – o qual ele suprimiu o acento gráfico “irma” (AG) –, substituindo apenas o indicador “a” de feminino pelo “o” de masculino”. Notamos que, nesse caso, não trata-se de uma transcrição da fala, pois, ao iniciar na aquisição da escrita, o indivíduo já tem bastante conhecimento da linguagem oral, portanto, muito provavelmente conhece a forma (oral) “meu irmão” e “minha irmã”. O problema, nesse caso, foi causado por analogia.



**Texto 3**

A forma “mia”, por sua vez, não ocorre apenas no Texto 3. O Texto 4 também apresenta essa forma, que trata-se de uma TF, na qual o indivíduo escreve sua impressão do som da palavra ou o faz por não ainda conhecer a grafia de /ɲ/, representada por “nh” na língua portuguesa.

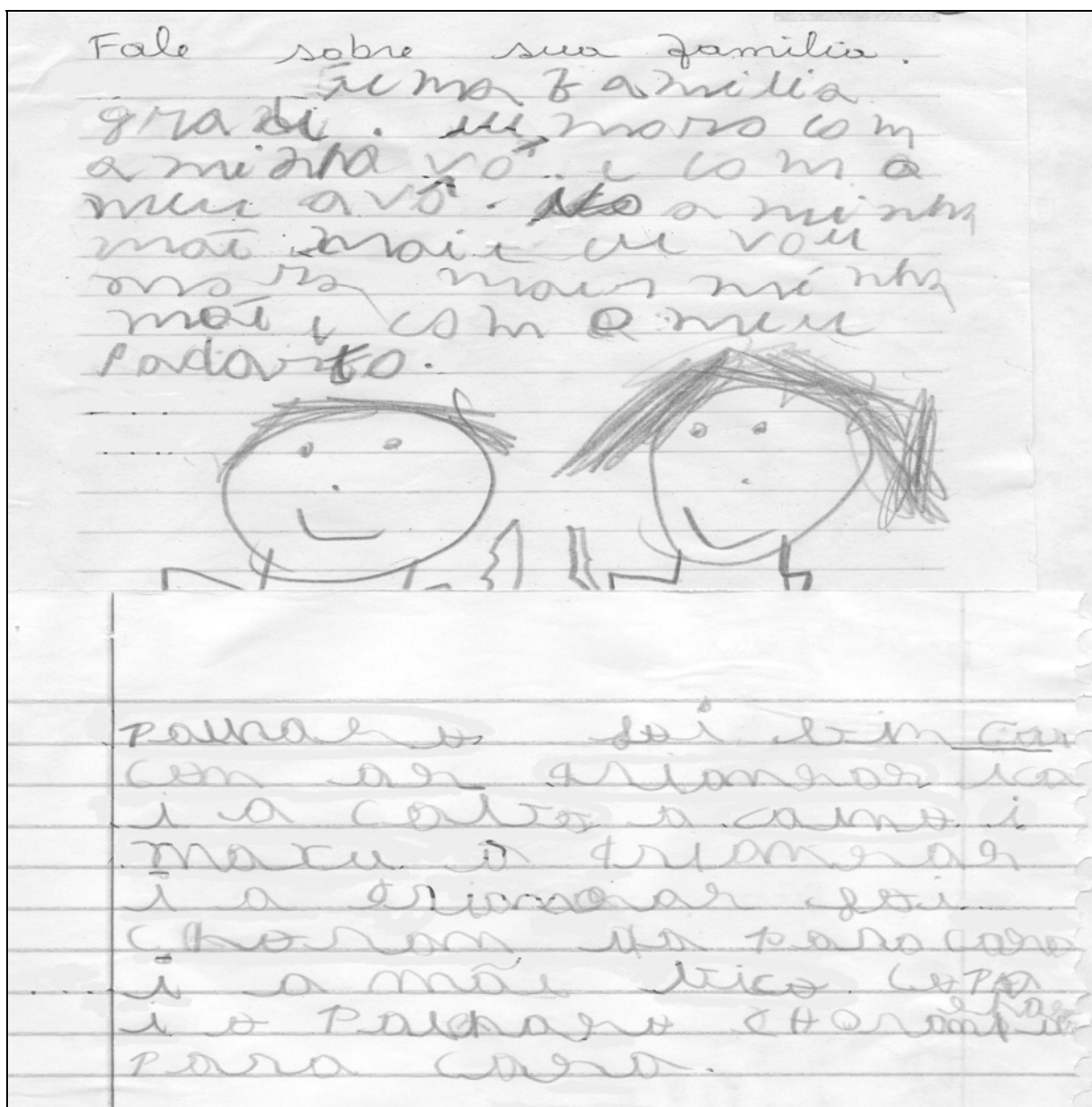


**Texto 4**

Erro/desvio mais comum em toda a análise, a TF pode ser notada em quase todos os textos analisados e, em casos como o Texto 2, impera com 8 (oito) incidências. Uma possível explicação para isso é o fato de que, quando possuem dúvidas em relação à grafia de uma palavra, os alunos que cometeram esses desvios recorrem à sua fala.

Considerando a divisão dessa categoria de erro/desvio (TF) em várias subcategorias utilizada por Cagliari (1988, p.139-140), podemos dizer a supressão da letra “r” em algumas palavras, sobretudo verbos, por não ser pronunciada em alguns dialetos, é a TF mais comum no Texto 2, no qual podemos ver as formas “te”, “pidi”, “come” e “compra” em vez de “ter”, “pedir”, “comer” e “comprar”.

A troca de vogais que têm o mesmo som que outras quando estão inseridas em uma determinada é uma TF também muito incidente nos textos, como é o caso de “mai” (Texto 5) em vez de “mãe” e “i” em vez da conjunção “e”, também no Texto 5.



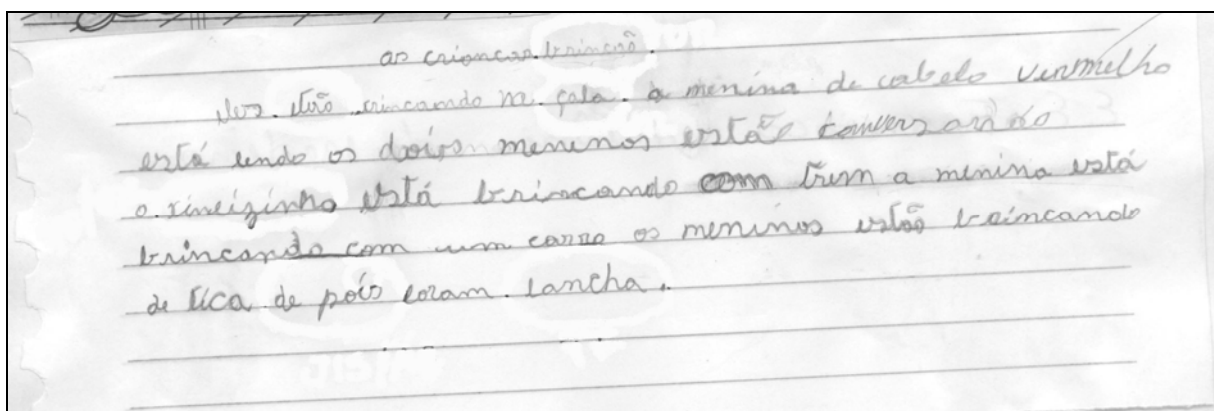
Texto 5

Segundo Lemle (2004), a troca de letras por parte por alunos ocorre porque eles pensam que há fidelidade entre letras e sons. Ela exemplifica essa situação:

“(…) o que os principiantes escrevem é *vali* para *vale*, *morti* para *morte*, *matu* para *mato*, *pegu* para *pego*, *peis* para *pés*. Indo da letra para o som, eles supõem que a letra *l* transcreve sempre e somente o som [l]. Por isso, por que escrever com *l* final as palavras *sal* e *anzol*, se é com [u] final que elas são pronunciadas? Com essa lógica, os principiantes da escrita escrevem *sau*, *anzou*, *auto*” (LEMLE, 2004, p. 19).

A forma “mia” ainda aparece no Texto 4 como “miafami lha” (em vez de “minha família”), indicando JIS. Para Cagliari (1988, p.142), esse desvio reflete os critérios que o indivíduo usa para analisar a fala. A separação gráfica de uma palavra ou a junção de duas ou mais (como ocorre em “miafami lha”) varia de acordo com a entonação do indivíduo falante, já que a JIS decorre de realidades fonéticas.

Podemos notar, ainda, as formas “pução goção” (para o São João) no Texto 1, “conaniafanilha” (com a minha família) no Texto 3 e “de pois” (depois) no Texto 6. Essa última forma, além de JIS, apresenta problemas de AG que, embora seja um erro/desvio bastante comum em textos de indivíduos que estão iniciando na aquisição da escrita, não é muito comum nos textos analisados.



**Texto 6**

“A marcação de acentos gráficos, em geral, não é ensinada no início da aprendizagem da escrita e, portanto, esses sinais diacríticos estão em grande parte ausentes dos textos espontâneos” (CAGLIARI, 1988, p.144). Concluimos, com isso, que, diante da ínfima incidência de problemas de AG nos textos analisados, os indivíduos colaboradores de nosso estudo estão apenas iniciando na aprendizagem da escrita.

Veremos, ainda, nos textos 2 e 3, respectivamente, as formas “bébé” em vez de “bebê” e “irma” em vez de “irmã”.

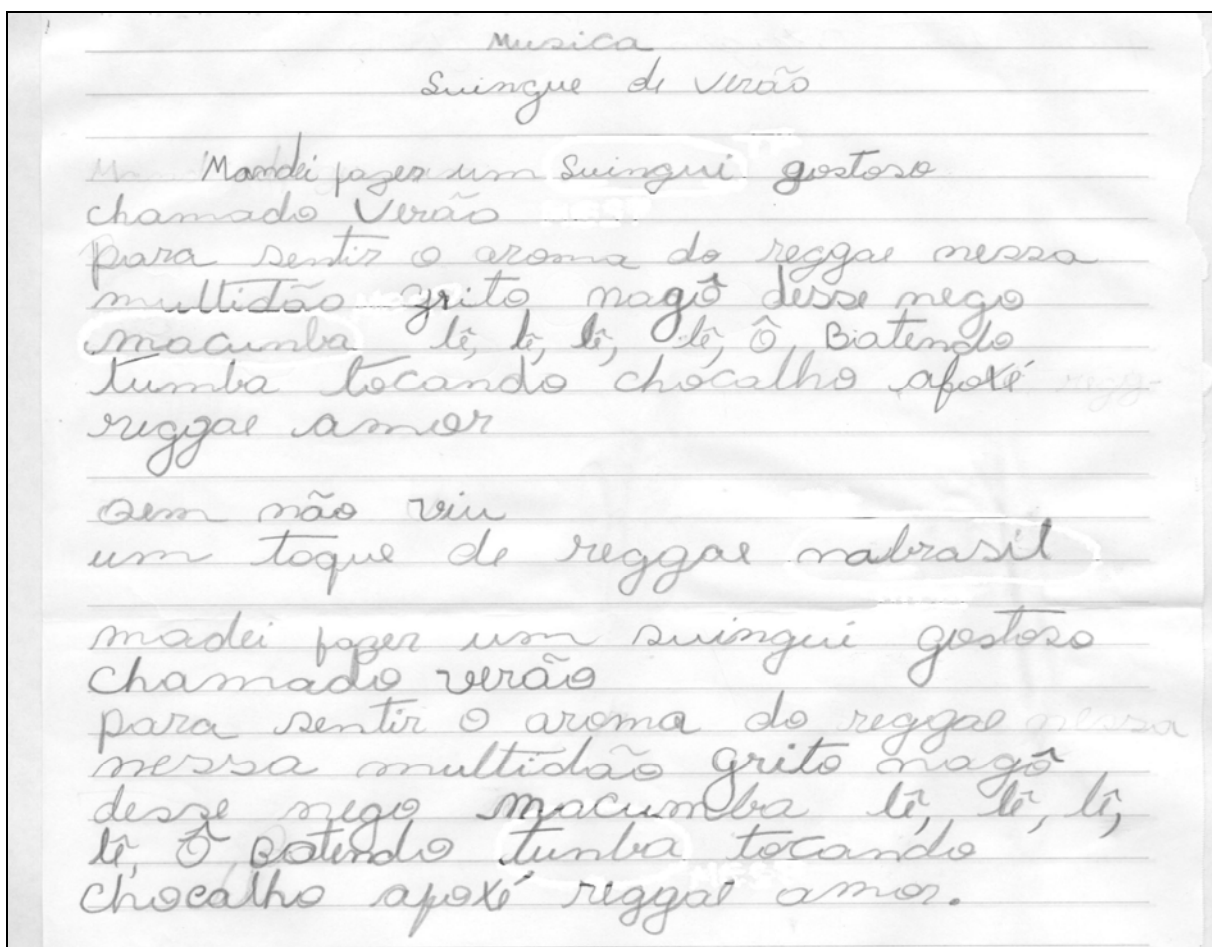
Também influenciados pela oralidade da língua, os indivíduos em fase de aprendizagem da escrita, ao produzirem textos espontâneos, cometem vários tipos de erros/desvios ortográficos. Um dos mais comuns é o UIL, no qual o indivíduo utiliza uma certa grafia para representar um som que é, oficialmente, representado por outra grafia. Sons que são representados, em diferentes situações, por diferentes grafias (/s/, por exemplo, que pode ser grafado com “s”, “ss”, “sc”, “c” e “ç”) levam o indivíduo que inicia na aquisição da escrita, e que não tem tanta experiência, a fazer uma escolha que não esteja no padrão da língua. Como ocorre na palavra “cete” (sete) no Texto 2 e “çala” (sala) no Texto 6. Ainda, os textos 2, 3 e 6 apresentam formas como “esnola” (esmola), “con” (com) e “brincão”, respectivamente.

Para Leal e Roazzi (2000, p.118), o professor deve saber que “o erro revela um processo ‘criativo’ de um sistema subjacente governado por regras próprias, em desenvolvimento”. Por isso, ao escrever, o aluno não comete os desvios ortográficos de forma aleatória, não linear. Cada ocorrência possui sua lógica.

Segundo Bagno (2000), todo “erro” ortográfico constitui uma tentativa de acerto por parte do aluno. Para o autor

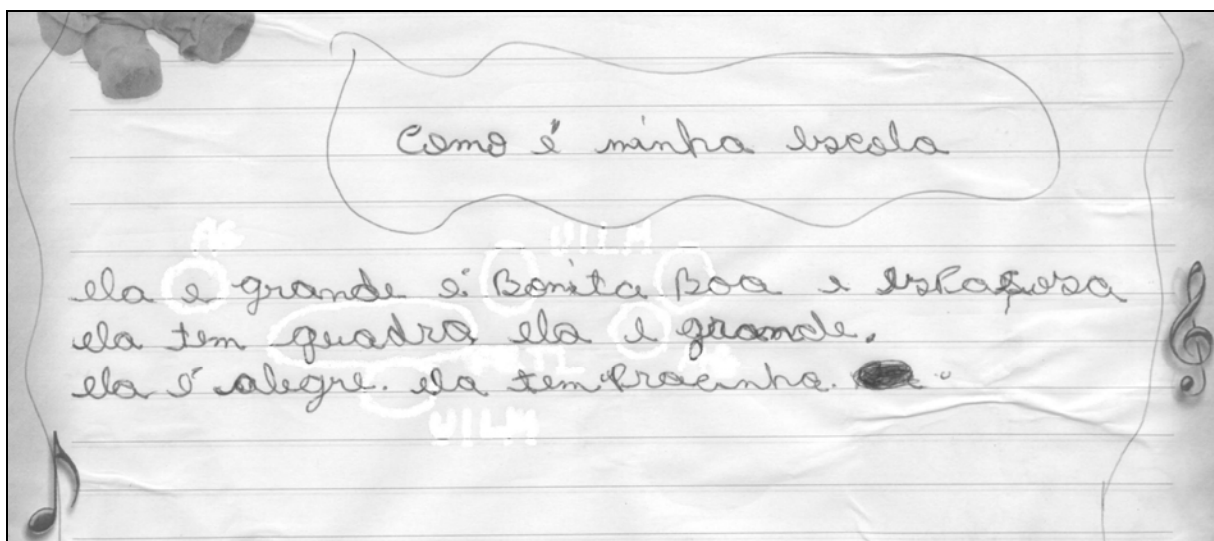
“(...) quem escreveu CHÍCARA em vez de XÍCARA não fez isso porque quis errar, mas sim porque quis acertar. Se existe CHINELO, CHICOTE, CHIQUEIRO, CHICLETE, por analogia se chega à possibilidade de também haver CHÍCARA (...)” (BAGNO, 2000, p. 67, grifo do autor).

A análise de alguns textos (2, 5, e 7) nos mostra uma certa incidência de erros/desvios que podemos considerar primários. O UILM, comum quando o indivíduo começa a escrever os nomes próprios, e a FETL, que representa a dificuldade que alguns têm na escrita cursiva, são encontrados nesses textos.



Texto 7

Formas como “... Bonita...” e “... Boa...” (Texto 8), além de UILM, denotam problemas de SP, como é o caso de “. ela”, no mesmo texto.

**Texto 8**

Dois erros/desvios muito comuns em textos – um que deriva de variedades dialetais, portanto, baseia-se em atos da fala –, e outro que não reflete realidades fonéticas são, respectivamente, MESP e FMD. Estes aparecem de forma considerável no material analisado. O primeiro, segundo Cagliari (1988, p.142), representa, “às vezes, maneiras de escrever de que o aluno lança mão porque ainda não domina bem o uso de certas letras...”. No Texto 1, podemos ver as formas “comiba” (o indivíduo troca “d” por “b” para representar /d/) em vez de “comida” e “bepoi” em vez de depois”. Como podemos perceber, esses desvios ortográficos não se apóiam nas possibilidades de uso das letras no sistema de escrita, ao contrário do UIL. Mesmo assim, os desvios pertencentes à categoria MESP não devem ser vistos como uma escolha sem fundamento que o aluno fez, porque

“Normalmente a escola considera esses erros graves indícios de falta de discriminação auditiva (o que é falso), quando deveria entender que a criança faz uma aproximação muito grande da letra certa, não escolhendo uma letra que nada tem a ver com o som que quer representar (...)” (CAGLIARI, 1988, p. 142).

Ao vermos a forma “padasto”, no Texto 5, temos a impressão de que o indivíduo transcreveu uma forma oral não-padrão. A forma oral [pa'dastu] pode fazer parte de seu dialeto, ou, simplesmente, esse indivíduo, que está em fase de aquisição, ainda não domina a estrutura silábica complexa CCVC (consoante-consoante-vogal-consoante) em “dras” de “padrasto”. Mas, segundo Abaurre (1999), quando se trata da representação de sílabas mais complexas que CV, os desvios ortográficos cometidos pelos alunos não são meras omissões ou troca de letras, mas relacionam-se diretamente com a decisão sobre o número de letras e a posição que elas devem ocupar nas sílabas.

As FMD ocorrem com mais frequência nos textos analisados do que o erro/desvio anteriormente citado.

As formas “tava” em vez de “estava” e “mais” em vez de “mas” no Texto 1 deixam claro que esse desvio tem origem em atos de fala no dialeto de quem as escreveu ou dialeto com o qual ele (o indivíduo) tenha contato.

A escrita do aluno torna-se de difícil compreensão porque pode não fazer parte da variação dialetal de quem lê. Por isso, segundo Massini-Cagliari (1999, p. 124), “a variação lingüística, característica inerente a toda e qualquer língua do mundo, pode constituir um grande problema para quem está adquirindo o sistema de escrita”.

Por isso, o professor precisa compreender as diferenças entre fala e ortografia (tão discutidas

pela Fonética e Fonologia) e mostrar aos alunos que aquela não é o reflexo fiel desta. Além disso, os alunos precisam saber que há várias pronúncias para uma mesma palavra, mas só existe uma grafia, oficial, para cada uma. E que não há pronúncia “melhor” ou “pior” que outra. Como afirma Massini-Cagliari (1999, p. 124), “as formas ortográficas não representam a fala de ninguém — sua função é, basicamente, anular a variação lingüística no nível da palavra.”

## CONCLUSÕES

Os textos analisados, embora apresentem quase todos os tipos de erros/desvios ortográficos, de acordo com Cagliari (1988), como vimos, apresentam maior incidência de desvios baseados na relação letra/som, o que nos faz concluir que a realidade fonética da língua – sobretudo de alguns dialetos – tem bastante influência nos desvios de grafia de algumas palavras.

Mesmo ao transcrever um texto – é o caso do Texto 7, no qual o indivíduo transcreve uma letra de música –, o indivíduo em fase de aprendizagem da escrita, em um momento de desatenção, utiliza-se dos conhecimentos de regras ortográficas de que dispõe e acaba por cometer desvios devido a uma relação equivocada que fizera, uma generalização de regras etc.

A ocorrência de estrangeirismos – “copi” (shopping) e “suingui” (swing) nos textos 3 e 7, respectivamente (textos produzidos por crianças com idade de 6 a 7 anos), nos diz que, embora apresentando erros/desvios ortográficos, o contato das crianças, cada vez mais cedo, com a grafia de palavras estrangeiras contribui para o amadurecimento desses indivíduos quanto à grafia de palavras estrangeiras – o que pode auxiliar, no futuro, ao aprendizado da ortografia inglesa, francesa, espanhola, entre outras.

Constatamos que os alunos fazem uma grande reflexão em relação à letra que será escrita para representar determinado som, ou seja, a escolha das letras não é feita aleatoriamente pelo aluno. Em geral, o aprendiz segue as mesmas regras de escrita das palavras que já sabe escrever.

Concluimos nosso trabalho enfatizando a necessidade de se compreender a relação entre letras e sons na escrita de modo a abordar erros/desvios ortográficos de forma adequada. Dessa forma, ao invés de ver os desvios dos textos dos alunos como uma deficiência, e simplesmente corrigi-los, a escola deveria investigar melhor que reflexão os discentes fazem quando os cometem.

E, mesmo consciente de que os alunos precisam aprender a grafia correta de algumas palavras, o professor deve considerar “que é mais importante um aluno escrever um texto cheio de erros de ortografia do que uma lista de palavras ou de frases soltas, simplesmente porque é mais fácil para acertar a ortografia” (CAGLIARI, 1999, p. 94).

## Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques (1999). Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, Regina (org). *Aquisição da linguagem: questões e análises*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 167-185.
- BAGNO, Marcos (2000). *Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social*. São Paulo: Loyola.
- CAGLIARI, Luiz Carlos (1999). A ortografia na escola e na vida. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis; \_\_\_\_\_ (orgs). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de letras, p. 61-96.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione.
- LEMLE, Miriam (2004). *Guia teórico do alfabetizador*. 16. ed. São Paulo: Ática.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis (1999). “Erros” de ortografia na alfabetização: escrita fonética ou reflexões sobre o próprio sistema de escrita? In: \_\_\_\_\_; CAGLIARI, Luiz Carlos (orgs). *Diante das letras: a escrita na alfabetização*. Campinas: Mercado de letras, p. 121-128.